
EDITORIAL

Dossiê Temático

ENLACES URBANOS

Os trabalhos que apresentamos aqui desenvolvem, a partir de diferentes materiais (textos, fotografias, com seus próprios recursos de composição e expressão), recortes, abordagens e métodos, o tema do nosso dossiê, que é ao mesmo tempo uma aposta. Sugerimos que, por ser atrativa a pessoas, coisas, ideias de variados tipos e procedências, que não cessam de atravessá-la, a cidade se produz como um meio de diversidade e de descontinuidades onde os desconhecidos que se cruzam (nas ruas, nos equipamentos de frequência coletiva) ou mesmo se pressentem ao avistar ou vivenciar as marcas que outros vão deixando nesses espaços, poderiam cultivar o que chamamos de “enlaces urbanos”.

São laços que não atam como nos meios familiares, nos quais o reconhecimento predomina sobre a diferença, trazendo talvez segurança, e inclusive fruição, ao mesmo tempo que controle. Mas as pontas soltas dos enlaces urbanos podem nos acolher à sua maneira, nos abrindo um lugar nesse movimento. Nos meios diversos que favorecem a diferença, nos parece, os sempre novos e estranhos ares ensejam oportunidades de experimentação social e subjetiva, e nos levam a inventar outras possibilidades de comunicação. Dessa aposta, que formulamos também como interrogação, participam agora os/as colegas que, felizmente, atenderam à nossa convocação, retrabalhando este pensamento a partir de suas próprias inquietações.

Os autores mostram, relatam, exploram práticas que se constroem e fluem nesses espaços de liberdade, de riscos ao mesmo tempo que de invenção,

ensejados pelos enlaces urbanos e que os alimentam. São as festas, a construção de relações entre pessoas e com o ambiente citadino, de éticas e de estéticas, os investimentos de desejo no presente e em futuros. Estamos muito contentes em reuni-los nesta publicação, resultado também de um trabalho a que muito nos dedicamos. Com os leitores, outros vão se inserir no movimento, participando do campo criador.

Acreditamos que estes diversos trabalhos estão reunidos num sentido forte, não só pelas questões comuns entre eles, mas porque o “entre” assumiu uma consistência própria. Entre eles está justamente a cidade, de modo que não apenas se conectam, mas evocam, pelas próprias experiências que apresentam e em que se apoiam, a potência de alteridade, de liberdade e de resistência que nas cidades pode ser atualizada e aproveitada. Deleuze e Guattari (*Mille Plateaux*) distinguem a cidade, o estado e o capitalismo, examinando os processos que os ensejam como formações sociais. O estado tem um procedimento vertical e de interiorização, fazendo convergir as instâncias de poder, de que o capitalismo precisou para se realizar plenamente, pois com as cidades comerciais ele não passava de um limiar no horizonte, paradoxalmente antecipado e afastado. Fernand Braudel (*Civilisation matérielle, économie et capitalisme, XVe-XVIIIe siècle*) mostrou como as cidades se expandiram horizontalmente, formando “arquipélagos”, crescendo como corredores de ares sempre renovados das invenções culturais, da arte e das relações sociais. São esses ares que permitem em certos momentos contrariar o capitalismo e o estado, ou mesmo instar este último a deslocar-se do compromisso com o negócio, de forma que nos espaços citadinos cresçam as práticas da diferença e da vida coletiva.

O conjunto de trabalhos neste dossiê, nos parece, está imbuído da densidade desse “entre”, que desde as primeiras ideias e linhas de nossa proposta procuramos evocar.

Nosso dossiê se abre com os mosaicos fotográficos de [Vladimir Freire](#) no Portfólio CIT4DINAS. Frutos de suas deambulações pelas cidades e de seu próprio encontro com suas intensidades, contrastes e variações, as imagens de Freire são modos poéticos de dialogar com os cenários urbanos e reconhecer a diversidade de seus fluxos. Esses diálogos traduzem, de certa forma, a alma deste dossiê.

Na seção de artigos, o texto “Mercados públicos urbanos: espaços de sociabilidade e de convivencialidade?”, de [Zara Pinto-Coelho](#) e [Helena Pires](#), discute como os mercados públicos têm sido

reconhecidos como elementos complexos e multifacetados que permitem imaginar e pensar o cotidiano urbano. A partir de um trabalho de campo realizado em um mercado público português, as autoras mostram o papel das práticas comunicativas informais que ocorrem nesse espaço, que alimentam sentidos e sentimentos de pertencimento e de comunidade na região central da cidade de Braga.

Também compartilhando experiências de deambulação pelos centros urbanos, [Daniel Macêdo](#) e [Rafael Andrade](#) analisam, no artigo “Vir às bancas, ver as cidades: percursos em ancoragens nas bancas (de jornal?)”, o modo como as bancas (de jornal?) no centro de Fortaleza se constituem como ambiências comunicacionais produtoras de sociabilidade e heterogeneidade, ao promoverem interrupções nos fluxos urbanos.

Em “Eu, os fotógrafos lambe-lambe e a cidade de Goiânia”, [Ana Rita Vidica](#) relata suas andanças pelo centro histórico da capital goiana em busca de rastros da presença dos fotógrafos ambulantes, cuja história foi praticamente invisibilizada na cidade. A partir do relato de entrevistas e fotografias de remanescentes desta prática, que fez parte dos processos de modernização da cidade e de sua paisagem urbana nos anos 60, o artigo resgata essa memória e mostra como as histórias da fotografia também se constroem nas ruas da cidade.

[Diogo Bornhausen](#) examina a prática dos street stickers como estratégia de comunicação visual e de ocupação urbana em “Os Rastros no Urbano: Análise dos Street Stickers como Estratégia de Insurgência e Produção de Sentido”. Observando a prática da adesivagem na região central de São Paulo e apoiando-se na literatura, mostra como o adesivo urbano desenvolve uma estética e uma epistemologia “insurgentes”, procedendo por acumulação e persistência, e transformando o olhar do observador.

Em “Memórias do futuro, fulgurações de utopias e heterotopias: relatos de pessoas em situação de rua”, [Monica Rebecca Nunes](#), a partir de depoimentos colhidos num centro de acolhimento na cidade de São Paulo, explora os usos imaginativos das vivências mobilizados por seus interlocutores. Num exercício entre passado, presente e futuro, e num revide à privação que lhes foi legada, constroem, cada um à sua maneira, uma abertura para possíveis em seus percursos de vida e suas relações com a cidade.

Em “Mapeamento de narrativas jornalísticas: uma abordagem cartográfica e literária sobre Belo Horizonte”, [Nísio Teixeira](#) e [Daniel Melo Ribeiro](#) refletem sobre a experiência de um mapeamento de

lugares mencionados em obras literárias ficcionais, feito com alunos de Jornalismo da UFMG, para mostrar como a cartografia, associada ao método da deambulação, pode aprofundar e expandir as práticas de construção das narrativas sobre os espaços urbanos, nos âmbitos do ensino e do exercício do jornalismo.

[Gabriel Chavarry Neiva](#) discute as relações entre cidade, identidade e memória no projeto Rio, eu tatuo, através da análise de registros fotográficos de tatuagens de símbolos cariocas em corpos jovens, problematizando narrativas visuais que enaltecem o consumo simbólico do Rio de Janeiro como cidade mercadoria.

Em "Gestos e territórios móveis: o corpo como interface sensorial na mobilidade urbana digital", [Camilo Ruales Tobón](#) analisa como o uso do telefone celular no sistema de transporte público TransMilenio, em Bogotá, configura formas de habitar a cidade por meio de microgestualidades que permitem aos sujeitos negociarem aspectos como visibilidade, intimidade e atenção em contextos urbanos de alta densidade, trazendo contribuições pertinentes sobre as articulações entre corpo e tecnologias nas cidades contemporâneas.

[Renata Svizzero Fakhoury](#), em "Entre interação, visualidades e pertencimento: a comunicação urbana como componente de inclusão das mulheres nos espaços públicos", apresenta os resultados de sua pesquisa sobre as percepções de mulheres em relação à comunicação e às intervenções urbanas, com impactos nas sensação de segurança e no direito de acesso à cidade.

[Eduardo Viana Duarte Júnior](#) e [Cláudio Rodrigues Coração](#) discutem as relações entre oralidade, território e tempo em "Ruas de Memória: a Festa do Rosário enquanto território e mecanismo de perpetuação dos saberes afrodiaspóricos". O artigo analisa como os cortejos e seus trajetos promovem a reestruturação de espaços urbanos historicamente negados ao corpo negro, tornando-os lugares de pertencimento e de disputa política.

Em "Urbanização e indigenização: um breve comentário sobre a formação de comunidades Terena no contexto urbano de Campo Grande/MS", [Augusto Ventura dos Santos](#) reflete sobre como os indígenas da etnia Terena ocupam bairros periféricos da cidade Campo Grande com seus modos de habitar, organizar o coletivo e lutar por melhorias de vida, formulando assim uma "terenização" da paisagem urbana.

No artigo “Por uma cidade humana: diferentes olhares sobre cidadania na experiência do Ocupe Estelita”, [Luana Bulcão](#) analisa a experiência de uma ocupação urbana efêmera no Recife e reflete sobre formas de participação social na cidade, a partir da discussão do conceito de cidadania.

Finalizamos com “A condição precária e suas formas de luta: o caso do edifício da rua Tribulete, em Madri”, de [Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa](#) e [Fábio Sadao Nakagawa](#). Os autores exploram as formas de resistência que moradores de um edifício em Madri desenvolveram em resposta à gentrificação que assola o bairro. Descrevem as táticas de coerção da especulação imobiliária e mostram como, ao mesmo tempo e paradoxalmente, a precarização pode provocar “novas formas de enlace e mobilização” que, mesmo nem sempre vitoriosas, em algum grau desafiam o imperativo da privatização dos espaços da cidade.

Janice Caiafa (UFRJ)

Fernando Gonçalves (UERJ)

Jane Maciel (UFMA)